

Rhodes otimista, mas reticente, sobre as negociações de dívidas

por Tom Camargo
de Londres

William Rhodes, o vice-presidente do Citibank que coordena o comitê assessor da dívida externa brasileira, fez esta semana, em Cambridge, uma descrição otimista — mas ainda recheada de reticências — do que julga estar por vir em matéria de negociação entre os países que devem, aqueles que têm para receber e bancos comerciais.

Ele disse que estes últimos já fizeram sua parte e que agora cabe aos governos a responsabilidade pela finalização da fase 2 da crise da dívida. A fase 3 começaria quando os devedores, provavelmente liderados pelo México, voltassem aos "mercados voluntários", isto é, passassem a captar de novo dinheiro junto aos principais fornecedores internacionais.

Falando em uma das sessões de um seminário fechado realizado pelo Instituto dos Banqueiros da Grã-Bretanha — um tradicional curso de verão que reúne anualmente, em paragens diferentes, mais de duzentos jovens banqueiros com boas perspectivas de carreira —, Rhodes passou em revista as demarches dos últimos três anos e, de passagem, deixou algumas mensagens e sugestões. Eis alguns excertos de sua palestra:

PROTECIONISMO

"Para que os países em desenvolvimento possam deixar a situação de devedores, as nações industriais devem resistir às pressões protecionistas. A experiência mostra que os países industriais não estão fazendo nenhum favor a si mesmos quando tentam evitar a entrada de produtos estrangeiros. Há também a questão dos déficits fiscais nos Estados Unidos. Um assunto de muitas formas similar aos problemas dos países em desenvolvimento, os quais também têm de tomar duras decisões quanto aos gastos governamentais."

"A política é parte crucial das duras, mas necessárias, decisões que (os países devedores) devem tomar para gerar os fluxos de capital que precisam para manter um crescimento auto-sustentado. O comitê assessor encoraja os governos a melhorar o clima no



William Rhodes

qual operam os mercados domésticos de capital e a favorecer o crescimento dos investimentos estrangeiros. (...) mas os mercados de capital ainda esperam pelo dia no qual as políticas monetária e fiscal restaurem a fé dos cidadãos na estabilidade de suas economias (...) investimento estrangeiro direto é uma questão de soberania nacional (...) ainda esperamos por efetiva ação dos países em desenvolvimento para lidar com tais temas."

POLÍTICA

"Os países desenvolvidos também têm de lidar com problemas políticos multilaterais. É importante que eles não tirem os créditos comerciais dos países menos desenvolvidos que estão fazendo progresso junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e aos bancos."

"Mais importante do que qualquer ação individual, ou quaisquer ações tomadas em conjunto, é o contínuo crescimento da economia mundial, pois foi este crescimento que alimentou o novo ânimo exportador dos países menos desenvolvidos."

"Após três anos de esforço conjunto, as forças inatas dos países devedores começam novamente a se manifestar (...) a dimensão do ajustamento externo é vividamente revelada pelos números da conta corrente dos maiores devedores. Em 1982, o déficit coletivo era de US\$ 103 bilhões. No ano passado, era US\$ 38 bilhões. Os sete maiores devedores reduziram seu déficit comercial conjunto de US\$ 40 bilhões em 1982 para apenas US\$ 1,5 bilhão em 1984."